



UMA ANÁLISE UNIFICADA DOS TRÊS TIPOS DE RELATIVAS RESTRITIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO*

Mary A. Kato (UNICAMP)
mary.kato@gmail.com

Jairo Nunes (USP)
jmnunes@usp.br

RESUMO: Tarallo (1983) propôs três estratégias de relativização para o português brasileiro: a versão padrão, com movimento e *pied-piping*; a versão resumptiva, com um pronome lembrete; e a versão cortadora, em que aparentemente um PP é apagado. Com base numa reinterpretação da análise das relativas de Kato (1993b) para o português brasileiro dentro da abordagem de Kayne (1994) em termos de relativização por alcance, argumentamos que os três tipos de relativas documentados por Tarallo envolvem todos movimento sintático. Propomos que um DP nucleado por um determinante relativo pode ser gerado numa posição de deslocamento à esquerda em português brasileiro e isso é o que produz ausência de efeitos de ilha e relativas com aparente apagamento de PP. Com base nas restrições lexicais desse aparente apagamento, argumentamos que relativas cortadoras na verdade envolvem um pronome nulo (*pro*) na posição de objeto, legitimado por Caso inerente.

PALAVRAS-CHAVE: orações relativas, português brasileiro, pronomes nulos, Caso inerente

ABSTRACT: Tarallo (1983) has proposed three relativization strategies for Brazilian Portuguese: the standard version with movement and pied-piping, the resumptive version with an overt pronoun, and the PP chopping version, where the relativized PP appears to be deleted. Based on a reinterpretation of Kato's (1993b) analysis of relative clauses in Brazilian Portuguese under Kayne's (1994) raising approach to relativization, we argue that the three types of relative clauses documented by Tarallo all involve movement. We propose that a DP headed by a relative determiner can be base-generated in a left dislocation position in Brazilian Portuguese and this is what yields lack of island effects and apparent PP-chopping relatives in this language. Based on their lexical conditioning, we propose that PP-chopping relatives in fact involve a null pronominal (*pro*) in the object position licensed by inherent Case.

KEYWORDS: relative clauses, Brazilian Portuguese, null pronouns, inherent Case

1. Uma análise tripartida das relativas do português brasileiro (Tarallo 1983)

Em um trabalho clássico sobre as relativas no Português Brasileiro (PB), Tarallo (1983) postula três tipos de estratégias de relativização, cada um com status

*As primeiras versões deste trabalho foram apresentadas (mas não publicadas) em Kato e Nunes (1997) e (1998) e a primeira versão impressa, mais ampla e mais técnica, foi publicada em inglês em Kato e Nunes (2009). A redação da presente versão contou com apoio do CNPq (processos 305515/2011-0, primeira autora, e 309036/2011-9, segundo autor)

sociolinguístico distinto: a padrão, a não-padrão resuntiva e a não-padrão cortadora, como respectivamente ilustrado em (1)¹:

- (1) a. a pessoa com **quem** eu conversei
- b. a pessoa **que** eu conversei com **ela**
- c. a pessoa **que** eu conversei

A relativa padrão é introduzida por um pronome relativo e tem um vestígio na posição relativizada. De acordo com Tarallo, as versões não-padrão envolvem um complementizador *que* e um pronome resuntivo que pode vir expresso, como em (1b) ou nulo como em (1c). No ultimo caso, a preposição associada ao pronome resuntivo é apagada no componente fonológico pois o PB, em geral, não admite preposição órfã.

É interessante observar que os três tipos de orações relativas são facilmente identificáveis quando o que é relativizado é um PP, como em (1). Quando a relativização envolve o sujeito ou o objeto, podemos ter uma potencial ambiguidade estrutural entre a relativa padrão e a estratégia com resuntivo nulo.

- (2) a. a pessoa que *ec* comprou o livro
- b. a pessoa que eu vi *ec*

No caso dos sujeitos, essas possibilidades podem ser distinguidas via configurações de ilha (cf. Figueiredo Silva, 1996 e Ferreira, 2000). Dado que o PB não conta com resuntivos nulos de sujeito, como se pode se observar em (3a) abaixo, a conclusão é que a estrutura em (2a) só pode ser derivada via estratégia padrão, isto é, via movimento. Já no caso de objetos, configurações de ilha não são esclarecedoras, uma vez que o PB licencia objetos nulos na base (cf. Galves, 1984; Farrell, 1990; Kato, 1993a; e Cyrino, 1997) sem restrições de ilha, conforme se pode verificar em (3b);

¹Deixaremos de lado aqui a preferência pelo pronome expresso quando o núcleo da relativa é animado e pelo pronome nulo quando o núcleo é inanimado (cf. Tarallo, 1983; Duarte, 1986, Cyrino, 1997; Ferreira, 2000).

portanto, a estrutura em (2b) deveria em princípio ser compatível tanto com movimento, quanto com a interpretação de um objeto nulo.

- (3) a. *[a pessoa]; que eu li o livro que ec_i comprou
b. [o livro]; que eu entrevistei a pessoa que escreveu ec_i

Todavia, dois tipos de fatos nos levam à conclusão de que estruturas potencialmente ambíguas como (2b) estão, na verdade, associadas apenas à análise de movimento. Primeiro, Nunes e Santos (2009) mostram que retração de acento – que no PB ignora vestígios, mas não pronomes nulos – pode se aplicar a estruturas como (2b). Segundo, Grolla (2000) e Lessa de Oliveira (2008) mostram que crianças adquirindo PB produzem estruturas como (2b) muito antes que estruturas com resuntivos, sejam estes nulos ou pronominais.

Kato (1993b) observa também que, se a estratégia cortadora (cf. (1c)) deve envolver apagamento de preposição porque o PB não admite preposições órfãs, prevê-se, incorretamente, que uma estrutura como (4) abaixo deveria corresponder a uma contraparte bem formada de (1a) envolvendo a combinação das estratégias padrão e cortadora, tais como descritas acima. Em outras palavras, o pronome relativo *quem* poderia sofrer movimento-A' e a preposição órfã seria apagada no componente fonológico, como ilustrado em (5).

- (4) *a pessoa quem eu conversei
(5) a. a pessoa [quem_i eu conversei com t_i]
b. a pessoa [quem_i eu conversei ~~com~~ t_i]

Em suma, não fica claro na proposta original de Tarallo (1983) por que o apagamento de preposição órfã se restringe a casos em que a relativização é realizada por meio de *que* (um complementizador, segundo Tarallo). Além disso, não fica claro por que no caso da relativização de sujeito e objeto a estratégia baseada em movimento

tem certa preponderância sobre a estratégia com resuntivo nulo. Nas próximas seções apresentaremos as análises alternativas de Kato (1993b) e Kato e Nunes (2009), que propõem uma abordagem para as três estratégias de relativização descritas por Tarallo em termos de movimento.

2. Uma proposta uniforme de relativização no PB (Kato 1993b)

Como uma alternativa ao sistema tripartido de Taralo (1983), Kato (1993b) propõe uma estratégia única de relativização para derivar os três tipos de relativa restritiva no PB. Em primeiro lugar, ela mostra que as relativas não-padrão replicam o que é independentemente encontrado em estruturas de deslocamento à esquerda (DE) no PB. Isto é, o elemento deslocado à esquerda no PB pode ser retomado ou por um pronome expresso, como em (6) ou por um pronome nulo², como em (7).³

- (6) a. [esse livro]_i, ele_i é muito bom
 - b. [esse livro]_i, eu comprei ele_i ontem
 - c. [esse livro]_i, eu estava precisando dele_i ontem
-
- (7) a. [esse livro]_i, eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*_i
 - b. [esse livro]_i, eu falei com um aluno que estava precisando *pro*_i ontem

O fato de que em (7a) e (7b) uma ilha intervém entre *esse livro* e a categoria vazia nos assegura que não estamos tratando de movimento do constituinte que aparece na posição deslocada à esquerda. A categoria vazia em (7) deve ser, portanto, um pronome nulo (cf. nota 2).

² Kato (1993b) na verdade analisou a categoria vazia em construções como (7b) como resultado de algum tipo de elipse em virtude de PPs em PB não terem *pro*-formas correspondentes. Pelos motivos expostos na seção 3 abaixo, seguiremos nesse ponto Kato e Nunes (2009), que reinterpretam essa categoria vazia como um pronome nulo, representando-a como *pro*.

³ Como vimos acima, o PB não dispõe de resuntivos nulos para sujeitos. Logo, (7) só apresenta exemplos com categorias vazias como objeto.

Repare que, em oposição ao que ocorre em (7b), se um DP expresso ocupa a posição de objeto de *precisar*, a preposição é obrigatoriamente requerida, como se vê em (8).

- (8) Um aluno estava precisando *(d)esse livro ontem

Poderíamos tomar a inserção obrigatória da preposição em (8) como um indício de que o pronome resuntivo em (7b) é um tanto defectivo pelo fato de ocorrer em um contexto onde Caso estrutural não está disponível. Ferreira (2000) especificamente propõe que o pronome nulo de construções como (7) é defectivo e não apresenta um traço de Caso.⁴ Mas, porquanto essa proposta seja capaz de dar conta do contraste entre construções como (7b) e (8), ela não captura o condicionamento lexical do contexto que permite tais pronomes vazios defectivos, como se vê ilustrado pelo contraste entre (7b) e (9b) abaixo (cf. Nunes, 2008, Kato, 2010). Embora tanto *precisar* quanto *rir* selecionem a preposição *de* (cf. (8) e (9)), somente *precisar* licencia um resuntivo nulo em uma estrutura de DE (cf. (7b) vs (9b)). Além disso, o contraste entre (7b) e (9b) se reflete também em relativas análogas, como se vê ilustrado em (10):

- (9) a. A Maria riu *(d)o João
b. O João, a Maria riu *(dele)
- (10) a. Este é o livro que eu estava precisando (dele).
b. Esta é a pessoa que a Maria riu *(dela).

Segundo Kato e Nunes (2009), assumimos que a preposição *de* em (8) é, na verdade, uma realização de Caso inerente (cf. Chomsky 1986, Nunes 2008).⁵ Supondo que a inserção da preposição para realização de Caso inerente é sujeito ao princípio do

⁴ A fim de impedir que tais pronomes defectivos possam ser usados como resuntivos sujeitos – possibilidade excluída no PB – Ferreira (2000) propõe que sem um traço de caso, o pronome nulo seria inativo no sistema computacional e não seria capaz de checar o EPP.

⁵Sobre inserção pós-sintática da preposição em português, cf. Raposo 1997.

Último Recurso (*Last Resort*), a preposição só se realizará nos casos em que o objeto for expresso; quando nulo a preposição é desnecessária. Nessa perspectiva, o fato de a ausência da preposição estar associada a um verbo e não a outro não é algo inusitado, pois Caso inerente é também sujeito a restrições lexicais.

Voltemos agora à análise de Kato (1993b). Dada a grande produtividade de construções de DE, como em (6) e (7) no PB, Kato (1993b) propôs que o *quenas* sentenças relativas seja sempre um pronome relativo e que este deva se originar na posição deslocada, onde recebe caso *default*. Segundo sua proposta, a diferença entre os três tipos de relativas está na posição de onde parte o movimento do pronome relativo. Se o pronome *que* é gerado em posição argumental, como no exemplo (11) abaixo, a derivação resulta na relativa padrão quando este é movido para Spec de CP. Neste caso vamos encontrar efeitos de ilha e *pied-piping*, quando há envolvimento de preposição (cf. (11c)). De fato, dado que PPs não podem ser deslocados à esquerda, como se vê em (12), as relativas com *pied-piping* devem necessariamente envolver movimento e não podem co-ocorrer com resuntivos, como ilustrado em (13):

- (11) a. [[aquela pessoa]_i [CP que_i [IP t_i comprou o livro]]]
b. [[o livro]_i [CP que_i [IP aquela pessoa comprou t_i]]]
c. [[o livro]_i [CP [PP de que]_k [IP você precisa t_i]]]

- (12) (*com) [aminha amiga]_i, você falou com ela_i por telefone

- (13) *Esta é [aminha amiga]_i com que_i/quem_i você falou com ela_i por telefone

Por outro lado, se *que* é gerado na posição deslocada à esquerda, podemos obter relativas não-padrão, sem efeitos de ilha e sem “*pied-piping*”. Em outras palavras, dada a ampla disponibilidade de DE no PB, a língua admite relativas não-padrão como

aquelas exemplificadas em (14)-(16), com um pronome expresso, ou com pronomes nulos como em (17)-(18).⁶

- (14) a. Eu tenho uma amiga que ela é muito engraçada.
 b. Eu tenho [[uma amiga]; [CPque_i [DE t_i [IP ela é muito engraçada]]]]]

- (15) a. Este é o livro que o João sempre cita ele.
 b. Este é [[o livro]; [CPque_i [DE t_i [IP o João sempre cita ele_i]]]]]

- (16) a. Este é o livro que você vai precisar dele amanhã.
 b. Este é [[o livro]; [CPque_i [DE t_i [IP você vai precisar dele_i amanhã]]]]]

- (17) a. Este é o livro que eu entrevistei a pessoa que escreveu.
 b. Este é [[o livro]; [CPque_i [DE t_i [IP eu entrevistei a pessoa que escreveu pro_i]]]]]

- (18) a. Este é o livro que você estava precisando
 b. Este é [[o livro]; [CPque_i [DE t_i [IP você estava precisando pro_i]]]]]

Devemos enfatizar que ser gerado na posição de DE não é uma prerrogativa das orações relativas. Como se pode ver em (19) e (20), os sintagmas interrogativos *D-linked* (ligadas ao discurso) também podem ocupar essa posição e ser associados a um resuntivo expresso ou nulo (see Ferreira, 2000 para discussão relevante).

- (19) a. [que professor]_i, todos os alunos disseram que *ele_i* é ótimo?

⁶ Para os propósitos da presente discussão, não buscaremos identificar com precisão que tipo de projeção pode abrigar elementos deslocados à esquerda em PB. O que é crucial é que essa projeção, que indicaremos com DE nas estruturas abaixo, se situe entre CP e IP. Também não trataremos aqui de alguns fatores que interferem na aceitabilidade das sentenças relevantes, como, por exemplo, as restrições de definitude na derivação de sentenças envolvendo relativização de sujeito. Por razões ainda a ser esclarecidas, relativas com resuntivos na posição de sujeito são geralmente aceitáveis se o resuntivo retomar um sintagma indefinido (cf. (14a)); se retomar um sintagma definido, o resumptivo não pode estar na mesma oração que o constituinte relativizado, como exemplificado em (i).

(i) Este é o livro que *(a Maria disse que) ele é muito bom.

- b. [que professor]_i, todos os alunos adoram *ele_i*?
c. [que professor]_i, todos os alunos queriam conversar com *ele_i*?
(20) a. [que livro]_i tinha um freguês que queria comprar *pro_i*?
b. [que livro]_i você está precisando *pro_i*?

Quanto à inaceitabilidade da estrutura em (4), repetida abaixo como (21), Kato (1993b) sugeriu que *quem* manteve a sua forma acusativa do Romance Antigo e deveria, portanto, ser excluído em sentenças como (21), pois *conversar* não licencia Caso acusativo.

- (21) *a pessoa quem eu conversei

Essa sugestão, todavia, não é isenta de problemas. Primeiro, ela deixa de explicar porque só *quem* teve sua forma acusativa, enquanto a forma homônima do pronome interrogativo *quem* é compatível com qualquer caso, como ilustrado em (22).

- (22) a. **Quem** viu o professor?
b. **Quem** o professor viu?
c. **Com quem** o professor conversou?

Segundo, as relativas restritivas também excluem o *quem* quando o pronome relativo seria, em princípio, acusativo em um exemplo como (23).

- (23) *o escritor **quem** eu entrevistei

Conforme veremos a seguir, esses problemas são contornados na reanálise que Kato e Nunes (2009) fazem da proposta de Kato (1993b).

3. Derivando relativas via alçamento (Kato e Nunes 2009)⁷

Com pequenas variações que não são relevantes para a presente discussão, a análise tradicional de orações relativas (restritivas) dentro do modelo de *GB* envolvia adjunção à direita de um CP relativo a um NP, como ilustrado em (24).

- (24) [DP D [NP [NP N ...] [CP ...]]]

Argumentando que não deveria existir adjunção à direita, o que excluiria estruturas como (24), *Kayne* (1994) retoma a análise de relativas em termos de alçamento desenvolvida por *Vergnaud* (1974) e propõe que o CP relativo é selecionado por um determinante e que o NP ou DP relativizado se move e se adjunge à esquerda de CP. Para uma relativa como (25) em inglês, por exemplo, a derivação se daria como em (26):

- (25) the book which I bought

- (26) a. [IP I bought [which book]]
b. [CP[which book]_i[CP C [IP I bought t_i]]]
c. [CP[DPbook_j [DP which t_j]_i[CP C [IP I bought t_i]]]]
d. [the[CP[DPbook_j [DP which t_j]_i[CP C [IP I bought t_i]]]]]

Em (26), o objeto *which CD* se adjunge ao CP relativo, seguido pela adjunção do NP *book* ao DP movido. Finalmente, o determinante *the* é concatenado e estabelece as relações sintáticas relevantes com o NP alçado.

Kato e Nunes (2009) reinterpretam a análise de relativização de *Kato* (1993b) em termos da proposta de alçamento de *Kayne* (2004). Como em *Kato* (1993b), *Kato e Nunes* (2009) assumem que o constituinte relativizador é gerado em posição de DE, mas como em *Kayne* (2004) o constituinte relativizador não envolve exclusivamente um pronome relativo, mas um determinante relativo que tem seu complemento NP alçado,

⁷Vejam-se também *Kenedy* 2002 e *Lessa de Oliveira* 2008.

de modo semelhante ao que ocorrer com *which* em (26). Dentro dessa abordagem, a derivação das relativas padrão e não-padrão em PB é reinterpretada nos moldes de (27)-(29):

(27) *Relativa-padrão:*

- a. aquela pessoa que comprou o livro
- a'. [aquela [CP [DPPessoai[DP que ti]]k [CP C [IP tk comprou o livro]]]]
- b. o livro que aquela pessoa comprou
- b'. [o [CP [DPlivroi[DP que ti]]k [CP C [IP aquela pessoa comprou tk]]]]
- c. o livro de que você precisa
- c'. [o [CP [PPlivroi[PP de [DP ti [DP que ti]]]]k [CP C [IP você precisa tk]]]]

(28) *Relativas não-padrão com resuntivos expressos:*

- a. Eu tenho uma amiga que *ela* é muito engraçada.
- a'. Eu tenho [uma [CP [DP amigai [DP que ti]]k [CP C [DETk [IP ela]i é muito engraçada]]]]]
- b. Este é o livro que o João sempre cita *ele*.
- b'. Este é [o [CP [DPlivroi [DP que ti]]k [CP C [DETk [IP o João sempre cita elek]]]]]
- c. Este é o livro que você vai precisar *dele*.
- c'. Este é [o [CP [DPlivroi [DP que ti]]k [CP C [DETk [IP você vai precisar delek amanhã]]]]]

(29) *Relativas não-padrão com resuntivos nulos*

- a. Este é o livro que eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*.
- a'. Este é [o [CP [DPlivroi [DP que ti]]k [CP C [DETk [IP eu entrevistei a pessoa que escreveu prok]]]]]
- b. Este é o livro que você estava precisando *pro*.
- b'. Este é [o [CP [DPlivroi [DP que ti]]k [CP C [DETk [IP você estava precisando prok]]]]]

Além de estar condizente com as vantagens conceptuais e empíricas de uma análise de relativas em termos de alcance, a reanálise de Kato e Nunes (2009) tem a vantagem de viabilizar uma interpretação para a idiossincrasia do relativo *quem*, que só pode participar de relativização de PPs, como ilustrado em (30) abaixo. Kato e Nunes (2009) argumentam que relativas como as em (30) deveriam ser derivadas como em (31).

- (30) a. *o professor quem chegou
- b. *o professor quem eu entrevistei
- c. o professor com quem eu falei

- (31) a. [o [CP [DP professor_i [DP que t_i]]_k [CP C [IP t_k chegou]]]]]
- b. [o [CP [DP professor_i [DP que t_i]]_k [CP C [IP eu entrevistei t_k]]]]]
- c. [o [CP [PP professor_i [PP com [DP t_i [DP que t_i]]_k [CP C [IP t_k chegou]]]]]

Especificamente, a proposta de Kato e Nunes (2009) é que o relativo *quem* não entra na derivação como um item lexical, mas resulta de operações do componente morfológico similares à familiar alternância *que-qui* em francês ilustrada em (32)(cf.e.g. Kayne 1976, Pesetsky 1982 e Rizzi 1990).

- (32) a. Quelle étudiante a Jean dit qui/*que viendra?
- b. [[quelle étudiante]_i a Jean dit [CP t_i [que [IP t_i viendra t_i]]]]

↓
qui

Do ponto de vista descritivo, *que* se superficializa como *qui* em francês quando ocorre precedido e seguido por um vestígio e o mesmo se pode dizer do relativo *quem* em PB. Somente quando está precedido e seguido por um vestígio, como em (31c), é que o relativo *que* em PB pode se realizar foneticamente como *quem*. Captura-se assim o fato de *quem* precisar ser precedido de preposição quando interpretado como pronome relativo (cf. (30)), mas não quando interpretado como pronome interrogativo, como

visto em (22), repetido aqui em (33). A gramaticalidade das sentenças de (33) indica que, ao contrário do relativo *quem* em PB, o interrogativo *quem* entra na derivação como um item lexical, podendo, assim, exercer a função sintática de sujeito, objeto ou complemento de preposição.

- (33) a. **Quem** viu o professor?
b. **Quem** o professor viu?
c. **Com quem** o professor conversou?

4. Uma extensão da análise proposta: as relativas livres

Uma consequência interessante da análise de Kato e Nunes (2009) para as relativas restritivas diz respeito a efeitos de compatibilidade (*matching effects*) em relativas livres no PB.⁸ Lessa da Oliveira (2008) observa que as relativas livres no PB podem também ser da variedade “cortadora”, no sentido de Tarallo. Isso se pode observar pelo contraste entre (34), que evidencia que os verbos *simpatizar* e *gostar* não licenciam um DP sem preposição, e (35), que aparentemente mostra que essa restrição não se aplica se o complemento desses verbos constitui o núcleo de uma relativa livre.

- (34) a. O João simpatiza *(com) a Maria.
b. O João gosta *(de) romances.
- (35) a. Eu vou visitar quem você simpatiza muito.
b. Eu encontrei o que você gosta.

Lessa da Oliveira (2008) propõe derivações nos moldes de (36) para as sentenças de (35), com *pro* ocupando a posição de objeto.⁹

⁸Veja-se também o estudo de Medeiros Jr (2005) sobre relativas livres no português.

⁹Em (35a)/(36a), o pronome *quem* é um item lexical e não o produto da alternância *que-quem* discutida na seção 3. Portanto, *quem* pode aparecer em relativas livres de sujeito ou objeto, como ilustrado em (i). Quanto à impossibilidade de esse item lexical figurar em relativas restritivas, nossa hipótese é que o pronome *quem* que aparece em relativas livres tem um traço de polaridade semelhante a *ever* em inglês, o que o torna semanticamente incompatível com ambientes que legitimam relativas restritivas.

- (36) a. [eu vou visitar [CP quem_i [CP você simpatiza muito *pro_i*]]]
 b. [eu encontrei [CP o que_i [CP você gosta *pro_i*]]]

A proposta de Lessa de Oliveira (2008) faz uma predição interessante no contexto da presente discussão: deveria haver assimetrias matriz-encaixada com relação a efeitos de compatibilidade. Consideremos os dados em (37)-(39), por exemplo.

- (37) a. Ela não riu (**d**)o palhaço.
 b. Ela não gostou *(**d**)o palhaço.
- (38) a. *[aquele palhaço]_i, ela não ri *pro_i*
 b. [aquele palhaço]_i, ela não gostou *pro_i*
- (39) a. *O João sempre critica quem elerí
 b. O João sempre critica quem ele gosta

(37) mostra que tanto o verbo *rir* quanto o verbo *gostar* selecionam um complemento preposicionado com *de*. Entretanto, (38) nos mostra que só o verbo *gostar* pode ter DE associado com resuntivo nulo; como consequência, só *gostar* admite relativas livres com resuntivo nulo (cf. (39a) vs (39b)). Como se viu na seção 2, esse contraste pode ser explicado se *gostar* – mas não *rir* – atribui Caso inerente ao seu complemento, que é então realizado foneticamente pela preposição *de*. Entretanto, esse Caso inerente não tem reflexo fonético quando o complemento é nulo. Assim, uma sentença como (39b) deve ser associada a uma representação como (40).

- (40) [o João sempre critica [CP quem_i [CP ele gosta *pro_i*]]]

|_____|

Caso inerente

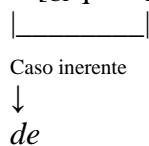
- (i) a. Quem chegar primeiro chama os outros.
 b. Eu vou contratar quem você recomendar

O interessante é que, se trocarmos o verbo da matriz de (39b) com o da encaixada, como em (41), a preposição se torna agora obrigatória.

- (41) O João sempre gosta*(**de**) quem ele critica.

A necessidade da preposição em (41) fica clara se atentarmos para a representação em (42) abaixo. O significado de (41) indica que *gostar* nesta sentença deve selecionar *quem* e não o CP que o contém.¹⁰ Mas dado que Caso inerente está associado a atribuição de papel-θ, se *gostar* atribui um papel-θ a *quem*, necessariamente atribui Caso inerente, que vai ser realizado como *de*.

- (42) [o João sempre [VP gosta[CP quem_i [CP ele critica t_i]]]]



5. Considerações finais

Partindo do trabalho seminal de Tarallo (1983), em que o autor analisa as relativas-padrão como oriundas de movimento e as relativas não-padrão como construções sem movimento, nosso trabalho forneceu uma análise unificada em termos de movimento para todos os três tipos de relativa. Reinterpretando a proposta de Kato(1993b), que toma aposição de DE como o *locus* de extração do pronome relativo, em termos de alcance nos moldes de Kayne (2004), nossa proposta pode ainda lançar luzes sobre várias peculiaridades do português brasileiro, como o condicionamento lexical para o licenciamento de PPs nulos e assimetrias envolvendo efeitos de compatibilidade em relativas livres.

¹⁰Como Kato e Nunes (2009) argumentam, a adjunção de *quem* ao CP faz com que *quem* não seja dominado pelo CP. Isso, por sua vez, implica que a concatenação de *gostar* com o CP permite que uma relação de seleção possa ser estabelecida entre *gostar* e *quem*, pois esses dois elementos acabam se encontrando numa relação de c-comando mútua. Veja-se Kato e Nunes (2009) para uma discussão detalhada desse ponto.

Referências

- CHOMSKY, N. **Knowledge of language: Its nature, origin, and use.** New York: Praeger, 1986.
- CYRINO, S. **O objeto nulo no português do Brasil: Um estudo sintático-diacrônico.** Londrina: Editora UEL, 1997.
- DUARTE, M. E. **Variação e sintaxe:** Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1986.
- GALVES, C. Pronomes e categorias vazias no português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** 7, 107-136, 1984.
- FARRELL, P. Null objects in Brazilian Portuguese. **Natural Language and Linguistic Theory**, 8, 325-346, 1990.
- FERREIRA, M. **Argumentos nulos em português brasileiro.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no português brasileiro: Frases finitas e infinitivas.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- GROLLA, E. **A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- KATO, M. A. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. In W. Ashby, M.M.G. Perissinotto & E. Raposo (orgs.): **Linguistic Perspectives on the Romance Languages**, 225-235. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993a.
- KATO, M. A. Recontando a história das relativas. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.): **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**, 223-261. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993b.
- KATO, M. A. (2010). Optional prepositions in Brazilian Portuguese. In K. Arregi, Z. Fagyal, S. A. Montrul & A. Tremblay (orgs.): **Romance Linguistics: Interactions in Romance**, 171-184. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.
- KATO, M. A. & J. Nunes. **Orações relativas, adjunções e restrições de seleção.** Comunicação apresentada no II Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul (CELSUL). Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.
- KATO, M. A. & J. Nunes. Two sources for relative clause formation in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no **Eighth Colloquium on Generative Grammar**. Universidade de Lisboa, 1998.

KATO, M. A. & J. Nunes. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In J. Nunes (org.). **Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax**, 93-120. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

KAYNE, R. French relative *que*. In F. Hensey & M. Luján (orgs.): **Current Studies in Romance Linguistics**, 235-299. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1976.

KAYNE, R. **The antisymmetry of syntax**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1994.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português – Uma análise baseada no modelo de Raising**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

LESSA DE OLIVEIRA, A. **As sentenças relativas em português brasileiro: Aspectos sintáticos e fatos de aquisição**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MEDEIROS JR., P. **Relativas livres no português**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2005.

NUNES, J. Preposition insertion in the mapping from Spell-Out to PF. **Linguistics in Potsdam 28: Optimality Theory and Minimalism: Interface Theories**, 133-156. 2008.

NUNES, J. & R. S. Santos. Stress shift as a diagnostics for identifying empty categories in Brazilian Portuguese. In J. Nunes (org.). **Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax**, 121-138. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

PESETSKY, D. **Paths and categories**. Tese de doutorado. Massachusetts Institute of Technology, 1982.

RAPOSO, E. **Toward a unification of topic constructions**. Ms. University of California at Santa Barbara, 1997.

RIZZI, L. **Relativized minimality**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.

TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, 1983.

VERGNAUD, J.-R. **French relative clauses**. Tese de doutorado. Massachusetts Institute of Technology, 1974.

Recebido Para Publicação em 30 de junho de 2014.

Aprovado Para Publicação em 23 de maio de 2014.